

A BESTA DO APOCALIPSE

Mito Metáfora ou Breve Realidade?



A BESTA DO APOCALIPSE

Mito Metáfora ou Breve Realidade?

Por John H. Ogwyn

Como os desenvolvimentos político-religiosos globais afetarão você e sua família? Um ditador mundial logo aparecerá? Apenas quem ou o que é a Besta, e você receberá sua marca infame? Leia as respostas surpreendentes!

Conteúdo

| | |
|--|----|
| Introdução | 1 |
| Capítulo 1: O Livro de Daniel - Chave Para Um Mistério Antigo | 4 |
| Capítulo 2: A Besta do Apocalipse Revelado | 10 |
| Capítulo 3: Roma - Antiga e Futura Mestra do Mundo? | 15 |
| Capítulo 4: A Marca Misteriosa da Besta | 26 |
| Capítulo 5: Uma História de Duas Cidades – Passado e Futuro | 35 |

RU-P Edição 1.0 | Outubro de 2019

©2020 Living Church of God™

Todos os direitos reservados. Impresso no Canadá.

Título original em inglês: *The Beast of Revelation:
Myth, Metaphor or Soon-Coming Reality?*

Tradução: Helio Paz

Este folheto não deve ser vendido!

Foi fornecido como um programa educacional público gratuito

Salvo indicação em contrário, as escrituras bíblicas neste livreto são citadas na versão *Almeida Revista e Corrigida* 2009 (ARC).

Introdução

Os jornais de hoje registram um estado de coisas que teriam sido absolutamente impensáveis para um observador em 1945, no final da Segunda Guerra Mundial. Nesse então, o Eixo Roma-Berlim foi destruído, e as forças americanas e britânicas permaneceram no auge da vitória. Hoje, a Grã-Bretanha foi despojada de seu império e a América está moral e culturalmente falida. A Europa está se unindo ativamente sob a égide de uma poderosa União Européia dominada pelos alemães.

Nas décadas seguintes à Segunda Guerra Mundial, os EUA e a Grã-Bretanha investiram bilhões de dólares em operações de inteligência e contrainteligência. No entanto, os eventos geopolíticos mais surpreendentes da era pós-Segunda Guerra Mundial - resultando no colapso da “Cortina de Ferro” e no surgimento de uma poderosa Alemanha reunificada - um editorial escritor em Hendersonville.

O rápido desdobramento dos acontecimentos no leste e no centro da Europa em 1989 não surpreenderam a todos, no entanto. Como um editorial escritor em Hendersonville, Tennessee, Free Press em 7 de dezembro de 1989, declarou:

“Como muitos americanos, tenho observado com interesse a atual situação política na Alemanha Oriental. Embora muitos tenham expressado surpresa com os recentes acontecimentos e com os pedidos de reunificação da Alemanha Oriental e Ocidental eu tenho que admitir que não fiquei muito surpreso com esses eventos. A razão pela qual não fiquei particularmente surpreso é que por anos eu li ocasionalmente as publicações de... o falecido Herbert W. Armstrong ... Armstrong previu que o Muro de Berlim cairia um dia e os dois estados alemães voltariam a se reunir em uma nação poderosa “.

Já nas boas notícias de Abril de 1952, Herbert W. Armstrong escreveu que a Alemanha Oriental seria devolvida à Alemanha Ocidental e que a Rússia “seria forçada a abandonar seu controle sobre a Hungria, Tchecoslováquia e partes da Áustria” (p. 16). . Em 1956, após a invasão da Hungria pela Rússia, quando parecia que a “Cortina de Ferro” havia caído inexoravelmente sobre as nações do leste europeu, Armstrong escreveu: “O caminho está sendo preparado para uma terceira força colossal na política mundial - uma Federação Europeia de Nações mais poderosa do que a Rússia ou os Estados Unidos!... Mostramos anos de antecedência o que aconteceria com o malfadado Império da Rússia na Europa Oriental “(Plain Truth, dezembro de 1956, p. 3).

Como ele poderia saber? Neste livreto você descobrirá!

Nunca desde os dias da Torre de Babel, os esforços da humanidade foram mais interligados e interconectados. Hoje, comumente falamos sobre como o mundo foi transformado em uma “aldeia global”. Aviões a jato, telecomunicações instantâneas e economias mundiais integradas mudaram nosso mundo.

De finanças a manufatura, corporações multinacionais e conglomerados agora dominam praticamente todos os campos. Pessoas em todos os lugares estão ligadas pela Internet e por transmissões de televisão por satélite. No entanto, paradoxalmente, as nações estão cada vez mais se subdividindo e se fragmentando ao longo das antigas linhas étnicas e religiosas.

Onde tudo isto vai chegar? Enquanto a economia mundial se torna cada vez mais interconectada, antigas rivalidades e ódios étnicos estão sendo renovados de novo. Líderes em finanças e governos citam estas crescentes pressões para ilustrar a necessidade de uma alternativa viável ao atual sistema instável de estados-nações independentes.

É evidente que, a menos que as emoções humanas possam ser canalizadas de maneira diferente, elas irão fraturar toda a estrutura econômica global. A humanidade está buscando uma identidade que vai além das atuais divisões e rivalidades. Os internacionalistas têm um grande desejo de suplantar o Estado-nação independente com algo maior. Ainda assim, eles foram incapazes de conceber uma solução que reivindicasse a lealdade e agitasse as emoções do homem comum na rua. As pessoas não desenvolvem intensa lealdade emocional a burocratas sem rosto nem a objetivos de maximizar lucros corporativos.

Onde esta crise iminente - fragmentação numa era de globalismo - realmente nos leva? Existe apenas **uma fonte** onde você pode encontrar a resposta! O Deus Criador é Aquele que declarou o fim desde o princípio (Isaías 46:10), e Ele expõe para nós em Seu livro, a Bíblia.

O resumo mais completo dos eventos futuros é encontrado no último e mais misterioso livro da Bíblia, o livro do Apocalipse. Nele lemos sobre uma misteriosa Besta que é descrita com cabeças e chifres, trazendo uma marca terrível. Esta criatura é descrita como dominando o mundo inteiro e exercendo poder e controle impressionantes.

Mas o que isto tudo significa? Você pode realmente entender-lo de qualquer forma? Embora muito do Apocalipse esteja em linguagem simbólica, a Bíblia na verdade interpreta seus próprios símbolos! Leia para entender a mensagem clara das profecias da sua Bíblia sobre a Besta do Apocalipse. Estas palavras proféticas terão mais efeito no seu mundo e no seu próprio futuro do que você pode imaginar.

Capítulo I

O Livro de Daniel - Chave Para Um Mistério Antigo

Todos os olhos se voltaram quando um homem idoso entrou ereto na sala de banquetes iluminada e ricamente decorada. Riso induzido pelo vinho e brincadeiras barulhentas - que haviam enchido a sala há apenas uma hora - abruptamente deram lugar a um silêncio misterioso seguido de sussurros subjogados no rescaldo de uma cena arrepiante. Durante o auge da festança, uma mão apareceu do nada e escreveu na parede uma mensagem em letras grandes.

A ocasião foi um grande banquete lançado pelo rei da Babilônia, Belsazar, para celebrar a invencibilidade da Babilônia. Babilônia, que havia sido sitiada pelas tropas de Ciro, o Grande da Pérsia, considerou que suas muralhas eram inexpugnáveis.

Então, naquela noite da lua nova do sétimo mês em 539 aC, a poderosa elite da Babilônia celebrou e bebeu brindes. Belsazar insistiu até que os vasos sagrados retirados do templo em Jerusalém por seu avô, décadas antes, fossem trazidos. Ele queria usá-los como taças de bebida. Então a caligrafia na parede apareceu, e a festa parou de repente. A mensagem inscrita na parede dizia: “MENE, MENE, TEKEL, UPHARSIN”. As palavras eram bem conhecidas nos termos caldeus para unidades de peso, mas seu significado era totalmente incompreensível para aqueles que assistiam.

O ancião convocado pelo rei chamava-se Daniel. Ele havia sido trazido para a Babilônia como um cativo judeu adolescente, e chegara a um alto cargo sob o avô de Belsazar. Daniel prosseguiu explicando ao rei que o Deus do céu havia numerado seu reino e que estava no fim. O rei foi pesado na balança e achado em falta. Naquela mesma noite, seu reino deveria ser entregue nas mãos dos sitiados medos e persas.

Em poucas horas, o exército persa invadiu totalmente a cidade, entrando por baixo das enormes muralhas da cidade. O rio, que corria

sob as muralhas da cidade, havia sido desviado por um canal várias horas antes. No escuro, antes do amanhecer, as tropas persas marchavam pelo leito seco do rio e abriam os enormes portões da cidade por dentro. Antes do sol nascer, eles conquistaram Babilônia e executaram o rei Belsazar com uma espada.

Confrontado pelos acontecimentos da noite, a mente de Daniel foi atraída por uma cena que ocorrera cerca de 65 anos antes. Embora ele ainda fosse um jovem adolescente, ele foi levado à presença do governante do que era então o país mais poderoso da Terra. Sua própria vida e as vidas de seus amigos mais íntimos estavam em suspenso naquele dia. O propósito de Daniel em ser levado perante o rei Nabucodonosor, o avô de Belsazar, foi interpretar um sonho desconcertante que o rei havia experimentado alguns dias antes. Daniel havia ousadamente anunciado ao governante cético e agitado que existe um Deus no céu que é revelador de segredos. Ele então apresentou uma interpretação inspirada por Deus do estranho sonho do rei.

O Livro de Daniel Prepara o Estádio

Em 604 aC, o exército caldeu, sob o rei Nabucodonosor, varreu de Carquemis pelo vale de Jezreel e capturou a cidade de Jerusalém, reduzindo a Judéia a um estado tributário. Vários dos filhos de proeminentes famílias judias foram levados de volta à Babilônia como cativos. Durante as décadas que se seguiram, um desses cativos, Daniel, subiu para ocupar altos cargos de confiança na Babilônia. O Deus de Israel, a quem ele continuou a servir fielmente, deu a Daniel muitas visões e interpretações de visões que ele registrou no livro de Daniel.

Observe cuidadosamente o esboço profético dos eventos mundiais que Deus inspirou Daniel a registrar. A Bíblia realmente se interpreta, e o livro de Daniel é fundamental para entender o livro do Apocalipse e outras profecias do fim dos tempos.

Daniel 2: 1 descreve o perturbador sonho do rei Nabucodonosor, escondido dos magos e astrólogos do rei. Eles não conseguiram contar a ele este sonho intrigante. Finalmente, Daniel veio ao rei e explicou-lhe que há um Deus no céu que é revelador de segredos, e que Ele revelaria a Daniel não apenas o sonho, mas também sua interpretação (v. 28). Daniel então explicou ao rei que em seu sonho ele havia visto uma grande imagem subindo acima das planícies de Sinar. Esta imagem gigantesca tinha uma cabeça de ouro, ombros e peito de prata, coxas de

latão e pernas de ferro. As pernas de ferro terminavam com pés compostos de uma mistura de ferro e argila (vs. 31-33). Nabucodonosor, em seu sonho, viu uma grande pedra de origem sobrenatural (“cortada sem mão”) descer do céu e esmagar a imagem em seus dez dedos, ponto em que toda a imagem se transformou em palha e explodiu. A pedra tornou-se numa enorme montanha e encheu toda a terra (vv. 34-35).

O que isto significa? Lembre-se que a Bíblia se interpreta a si própria! Daniel foi inspirado a contar a Nabucodonosor em Daniel 2:38: “Tu és esta cabeça de ouro”. Ele também disse ao rei em Daniel 2: 39–40 que mais três reinos surgiriam um após o outro. Daniel foi inspirado a registrar para nós que quatro grandes reinos ou impérios iriam, em sucessão, dominar a história, após a qual o Deus do céu estabelecerá Seu reino eterno na época dos dez reis finais - que são representados pelos dedos dos pés das “pernas de ferro” do quarto reino (vs. 41-44).

Daniel 2:28 enfatiza que o Deus vivo a quem servimos é um “revelador de segredos”. O sonho do rei era para alcançar desde os dias do antigo rei Nabucodonosor os “últimos dias” deste mundo, culminando com o regresso de Jesus Cristo e o estabelecimento do Reino de Deus nesta terra (v. 44). Os eventos que Daniel previu aconteceram exatamente como ele previu? Absolutamente assim foi, como veremos.

Em Daniel 5, lemos sobre os eventos que rodearam a queda da Babilônia para os exércitos do rei Ciro, o Grande. O império dos medos e dos persas era o “segundo reino” que surgiu depois da Babilônia. A história nos diz que o reinado do vasto Império Medo-Persa estabelecido pelo rei Ciro continuou por pouco mais de 200 anos.

Então, começando em 333 aC, na Batalha de Arbela, o Império Persa entrou em colapso e o terceiro grande reino governante assumiu o poder. Este foi o Império Greco-Macedônio sob Alexandre, o Grande. Os impérios helenísticos dos sucessores de Alexandre dominaram o Oriente Médio por cerca de 300 anos até que foram finalmente engolidos, um por um, pelo quarto grande império governante do mundo - o reino do ferro.

Este quarto reino, claramente identificado na história como o Império Romano, foi profetizado para continuar como duas “pernas” até ao fim dos tempos. Naquele final dos tempos, os dez dedos dos pés (ou reis, Daniel 2:44) constituiriam a incorporação final deste sistema que teve suas origens na antiga Babilônia. Se deixarmos a Bíblia interpretar a si mesma, esta progressão de quatro reinos dominantes no mundo é clara.

A Besta de Daniel 7

Em Daniel 7: 1-3, descobrimos que décadas depois de sua interpretação do sonho do rei Nabucodonosor, o próprio Daniel teve um sonho incomum em que ele ficou olhando paralisado em nuvens escuras e um mar revolto. Deste mar tempestuoso ele viu “quatro animais grandes” surgirem e seguirem, um por um, para a praia. O primeiro era como um leão, o segundo como um urso e o terceiro como um leopardo de quatro cabeças. A quarta Besta foi descrita como uma criatura terrível com enormes dentes de ferro (vv. 4-7). Da cabeça desta quarta Besta, surgiram dez chifres. O fim da visão de Daniel revelou uma época em que “os santos do Altíssimo receberão o reino e possuirão o reino para todo o sempre e de eternidade em eternidade” (Daniel 7:18). Lembre-se, a visão em Daniel 2 também terminou no estabelecimento do reino dos céus.

Devemos deixar nossa imaginação subir na tentativa de discernir a identidade destas criaturas, ou deveríamos deixar a Bíblia se interpretar? De acordo com o versículo 17, estas quatro criaturas que surgiram sucessivamente (vv. 3-7) simbolizam quatro reis ou reinos. De acordo com o versículo 23, a quarta besta representa o “quarto reino na terra”. Nós já vimos de Daniel 2 uma sucessão de quatro reinos. Os cenários registrados em Daniel 2 e Daniel 7 relatam quatro grandes impérios mundiais, que surgiram sucessivamente. Cada cenário termina com o estabelecimento do Reino de Deus para governar a terra. Claramente estas duas visões estão registrando detalhes diferentes do mesmo conjunto de eventos.

Quando comparamos as visões de Daniel 2 e Daniel 7, descobrimos que o primeiro reino de Daniel 2 - a cabeça de ouro - é igualado ao leão, o rei dos animais, em Daniel 7. O segundo reino - a prata de Daniel 2 - é comparado a um urso em Daniel 7. O terceiro reino - o bronze de Daniel 2 - é paralelo ao leopardo de quatro cabeças em Daniel 7.

Por que quatro cabeças? A história registra que após a morte de Alexandre, seu império foi dividido entre quatro de seus generais. Esta divisão quádrupla foi profetizada em Daniel 8: 8. Todos os quatro reinos eram gregos na cultura e na língua. Eles eram uma continuação dividida do império que havia sido unificado sob Alexandre por menos de uma década. Assim como o tamanho e o poder pesado da Pérsia eram simbolizados por um urso, a rapidez relâmpago dos exércitos gregos de Alexandre foi bem descrita pela metáfora do leopardo.

Daniel 8 registra mais detalhes da interação do segundo e terceiro reino - Pérsia e Grécia. Daniel 8: 3-4 descreve um carneiro de dois chifres saindo para subjugar tudo em todas as direções. De acordo com Daniel 8:20, este carneiro representava “os reis da Média e da Pérsia”. Um poderoso bode com um grande chifre saindo entre seus olhos derrotou o carneiro completamente (vv. 5-7). De acordo com o verso 21 (KJV), “o bode bruto é o rei da Grécia: e o grande chifre que há entre seus olhos é o primeiro rei”. Após a morte de Alexandre (“aquela grande ponta foi quebrada” v. 8), “quatro reinos se levantaram da nação, mas não em seu poder” (v. 22, KJV). É por isto que, em Daniel 7, vemos o terceiro reino descrito como uma criatura de quatro cabeças.

Estes eventos prepararam o cenário para o quarto reino descrito em Daniel 7, terrível demais para ser caracterizado por um dos animais acima. Daniel 2 caracteriza este reino com duas pernas de ferro, e Daniel 7 o retrata como uma criatura com enormes dentes de ferro. Daniel 2:40 explica: “E o quarto reino será forte como ferro; pois, como o ferro esmiúça e quebra tudo, como o ferro quebra todas as coisas, ele esmiuçará e quebrantará.” Observe o que Daniel 7: 19-23 revela sobre este quarto reino. “Então, tive desejo de conhecer a verdade a respeito do quarto animal, que era diferente de todos os outros, muito terrível, cujos dentes *eram* de ferro, e as suas unhas, de metal; que devorava, fazia em pedaços e pisava aos pés o que sobrava... O quarto animal será o quarto reino na terra, o qual será diferente de todos os reinos; e devorará toda a terra, e a pisará aos pés, e a fará em pedaços.” É este quarto reino, o Império Romano que é retratado como continuando de uma forma ou de outra até a época do regresso de Cristo? A história confirma isto? Absolutamente!

Assim como a Medo-Pérsia havia absorvido a Babilônia, e Alexandre o Grande havia absorvido o império dos medos e persas, e os romanos absorveram as quatro “cabeças” que surgiram do império de Alexandre. Quando Alexandre morreu na Babilônia em 323 aC, uma tentativa foi feita para manter seu império unido. Uma regência foi proclamada para governar nos nomes conjuntos de seu sobrinho e seu filho não nascido. Esta tentativa falhou. Em poucos anos, seu império foi dividido entre quatro generais gregos que se proclamavam reis, assim como Daniel previra (Daniel 8: 21-22).

Em 307aC, Antígono e seu filho Demétrio “tomaram o título de rei, após o que Ptolomeu e Seleuco, Cassandro e Lisímaco fizeram o

mesmo. A unidade do império de Alexandre foi assim abertamente terminada” (Enciclopédia da História do Mundo, William L. Langer, 1968, p. 90).

Cassandro tomou a **Grécia e a Macedônia** e, com a ajuda de Lisímaco e Seleuco, triunfou sobre Antígono morto na Batalha de Ipsus em 301 aC. Por sua vez, porém, a dinastia de Cassander foi derrubada em 276 aC pelo neto de Antígono, Antígono II, que estabeleceu uma dinastia que manteve a Grécia e a Macedônia até à conquista romana em 168 aC, quando esta área foi absorvida pelo Império Romano.

Lisímaco, que se apoderou da Ásia Menor e se proclamou rei em 305 aC, acabou sendo derrotado e morto na Batalha de Corpedium em 281 aC por seu antigo aliado, Seleuco. Eumenes I, o governador selêucida de Pérgamo (Ásia Menor), conseguiu tornar-se virtualmente independente dos selêucidas por volta de 260 aC. Por volta de 230 aC, seu sucessor assumiu o título de “rei”. Quando Átalo III morreu em 133 aC, sua vontade deixou o reino de Pérgamo e a Ásia Menor para os romanos. Roma havia assim absorvido a segunda cabeça do leopardo de Daniel.

Seleuco estabeleceu um reino que se estendia a leste até à **Babilônia** e a oeste até à **Síria**. A dinastia selêucida que lhe nasceu continuou até 64aC, quando o general romano Pompeu fez da Síria uma província do Império Romano em expansão.

O general macedônio Ptolomeu tomou o título de “rei” ao mesmo tempo que seus três contemporâneos, Cassandro, Lisímaco e Seleuco. Seu reino foi centrado no **Egito** e continuou sob seus descendentes até à morte de Cleópatra, em 30 aC, após sua derrota pelos Romanos. O sobrinho de Júlio César, Otaviano (mais tarde conhecido como Augusto César), derrotou as forças de Cleópatra e Marc Antônio na Batalha de Actium e absorveu o Egito no Império Romano. “Isto pôs fim a última das monarquias helenísticas” (Langer, p. 97). Com esta conquista, todas as quatro cabeças do leopardo greco-macedônico foram parte integrante do Império Romano, a quarta Besta de Daniel 7.

Capítulo 2

A Besta do Apocalipse Revelada

Napoleão, Hitler e Saddam Hussein têm algo em comum. Assim também têm Mikhail Gorbachev, Benito Mussolini, Franklin Roosevelt e vários papas diversos. Alguns os rotularam - e incontáveis outras figuras, bem conhecidas e obscuras - como a misteriosa Besta descrita no livro do Apocalipse. Instituições como a Liga das Nações, as Nações Unidas, o comunismo internacional - e até o governo dos Estados Unidos - foram no século passado também chamadas de Besta.

Outros comentaristas argumentam que o livro do Apocalipse é apenas para ser entendido como uma metáfora para a batalha entre o bem e o mal. Para estes comentaristas, a Besta é a personificação do mal, não uma figura ou instituição histórica.

“Mas,” alguns podem perguntar, “não há todo tipo de visões e interpretações da profecia bíblica?” Claro que existem! Parece que a maioria das possíveis interpretações começam com o que eles vêem na cena mundial e depois tentam lê-lo de volta na Bíblia. É por isto que quase todos os que comentaram sobre a profecia bíblica nos anos 50 e 60 identificaram o império comunista da União Soviética como a Besta do Apocalipse, de cor escarlate. Há alguns anos atrás, era Saddam Hussein. Hoje, muitos comentaristas identificam a “Nova Ordem Mundial” ou as Nações Unidas como a Besta. Parece haver tantas interpretações quanto intérpretes.

O Deus Criador não pretende que a profecia bíblica seja entendida por um exercício de imaginação criativa. Nem a profecia deve ser entendida olhando para eventos contemporâneos e tentando lê-los de volta ao relato bíblico. Pelo contrário, nenhuma profecia das Escrituras deve ser de qualquer interpretação particular (2 Pedro 1:20). Se a Bíblia usa linguagem simbólica, ela contém em seu texto as chaves para entender o que os símbolos significam.

Apocalipse 13 Examinada

O idoso apóstolo João estava na costa arenosa da ilha de Patmos, no mar Mediterrâneo. Quando ele olhou para o mar, a cena diante dele pareceu mudar. Nuvens escuras baixaram e o mar pareceu se agitar. Enquanto ele olhava paralisado, uma criatura estranha se levantou da água. Esta criatura tinha o corpo de um leopardo, a boca de um leão e os pés de um urso. Assim, incorporou as principais características das três primeiras criaturas que Daniel viu em sua visão registradas em Daniel 7. A Besta que João viu também tinha sete cabeças e dez chifres. Dizem-nos que “o dragão” deu a esta criatura o seu poder e autoridade. Finalmente, nos é dito que uma das cabeças desta criatura foi ferida até à morte e foi curada. Após a cura, a criatura continuou por 42 meses (Apocalipse 13: 1-5).

Uma cena quase idêntica é descrita em Daniel 7. Em sua visão, Daniel viu quatro criaturas - um leão, um urso, um leopardo de quatro cabeças e uma quarta criatura terrível com dez chifres - surgir de um mar escuro e tempestuoso (Daniel 7: 1-7). As criaturas que Daniel viu são claramente identificadas como a sucessão de impérios da Babilônia de Nabucodonosor, para a Medo-Pérsia, para o império grego de Alexandre, que se dividiu de quatro maneiras após sua morte e finalmente para o Império Romano. É da quarta criatura, simbolizando o Império Romano, que os “dez chifres” surgiram.

Observe a semelhança dos dois relatos. Em cada caso, existem sete cabeças. Em Apocalipse 13, João viu uma criatura, não quatro distintas, mas as características eram as mesmas: sete cabeças e dez chifres foram descritos. Em cada relato, os profetas usavam o simbolismo de um leão, um urso e um leopardo. Por que houve diferenças nas visões?

Quando Daniel viu sua visão, foi praticamente todo o futuro. Babilônia, simbolizada por um leão, estava em cena e os outros ainda estavam por vir. Quando João escreveu, mais de 600 anos depois, Babilônia, Pérsia e Grécia passaram à história. João não se concentrou nas cabeças diferentes para se levantar, mas nos detalhes relativos à sétima cabeça, a que existia em seus dias e cuja história ele registrou de antemão. Onde Daniel se concentrou em quatro impérios, João se concentrou em um sistema derivado da Babilônia. Ele viu os vários impérios como meras cabeças diferentes da mesma criatura. Daniel identificou o que ele viu como começando em seus dias e continuando até o regresso de Cristo quando os santos possuísem o reino (Daniel 7:18). O Império Romano dos dias de João era simples-

mente uma continuação do que havia começado na Babilônia.

Lembre-se de que a Bíblia interpreta seus próprios símbolos. Daniel 7:23 deixa claro que as quatro criaturas (incorporando sete cabeças) representam reinos. Em Apocalipse 17: 9-10, as sete cabeças da Besta são identificadas como “sete montanhas” ou “sete reis”. De acordo com Daniel 7:24 e Apocalipse 17:12, os chifres simbolizam reis ou reinos. Quanto ao dragão que é a fonte de poder para este sistema, Apocalipse 12: 9 nos diz “o grande dragão ... [é] a antiga serpente, chamada o diabo e Satanás”.

E sobre a cabeça “ferida até a morte”? Lembre-se, da besta de sete cabeças descrita em Apocalipse 13, somente a última sétima cabeça, o Império Romano, existia nos dias de João. O cumprimento das seis cabeças anteriores já havia passado para a história na época em que João escreveu. O Império Romano recebeu uma ferida mortal, depois voltou à vida e continuou “quarenta e dois [proféticos] meses”?

A data que por séculos tem sido tomada como a linha de demarcação entre a história antiga e a medieval é 476dC. Esta data, a tradicional “queda” do Império Romano, marca o assassinato do último imperador romano do Ocidente, Romulus Augustulus, pelos bárbaros. No próximo capítulo, examinaremos o subsequente reavivamento do império.

Mas primeiro, observe outro detalhe descrito em Daniel 7 e em Apocalipse 13. Em cada relato, vemos que dez chifres saíram da sétima cabeça da Besta, o Império Romano. João viu cada um destes chifres como tendo uma coroa sobre eles (Apocalipse 13: 1) e Daniel explicou que eles representavam reis ou reinos (Daniel 7:24).

Daniel também nos diz que dentre estes dez chifres surgiu um “chifre pequeno” que fez com que os três primeiros fossem “arrancados”. Para ver o que isto significa, devemos olhar mais para a história do antigo Império Romano.

A História dos Primeiros Três “Chifres”

Em 286 dC, o imperador Diocleciano dividiu o Império Romano no Oriente e no Ocidente para fins administrativos. Isto foi simbolizado pelas “duas pernas” descritas em Daniel 2. No entanto, havia sérios problemas pela “perna” ocidental. Por volta de 400 dC, o império no Ocidente estava em plena agonia. Após incursões bárbaras nas fronteiras, Roma foi demitida e saqueada - pela primeira vez em oito séculos - por Alaric e seus visigodos em 409 dC.

Quando o Império Romano no Ocidente entrou em colapso, três grupos de invasores bárbaros - os **Vândalos**, os **Heruli** e os **Ostrogodos** - procuraram se estabelecer como sucessores dos imperadores romanos do Ocidente. O imperador no Oriente oficialmente reconheceu cada um como uma continuação do governo romano legítimo no Ocidente. No entanto, outro governante emergente no Ocidente acabou sendo derrubado e expulsado.

Este governante emergente foi o bispo de Roma. Enquanto os imperadores ocidentais ficaram mais fracos, seu poder e estatura aumentaram. Isto envolveu não apenas um crescente poder religioso sobre a comunidade cristã professa, mas também o poder civil e político. Os vândalos, os herulii e os ostrogodos o perturbaram particularmente. Enquanto eles professavam o cristianismo, era uma marca não-trinitária chamada arianismo. Eles não eram “ortodoxos” e, portanto, eram vistos como uma ameaça à unidade religiosa do império.

Os **vândalos** invadiram o norte da África em 429 dC. Após vários anos de luta, eles entraram em um tratado em 435, pelo qual os romanos os “reconheceram” como a continuação legítima do império no norte da África (Langer, p. 135). Os vândalos procuraram expandir seu poder como sucessores de Roma. Em 455 eles até saquearam a cidade de Roma. Eles foram tão meticulosos que até hoje o nome “vandalismo” é atribuído àqueles que destroem a propriedade de outros. Mas, finalmente, os vândalos foram arrancados. “Na África, os vândalos foram odiados como arianos [pela Igreja de Roma] e tiveram que lidar com sérias revoltas berberes, mas seu poder não foi quebrado até às guerras 533-548 vandálicas do [imperador oriental] Justiniano” (Langer, p. 159).

Em 476, cerca de 20 anos depois que os vândalos saquearam Roma, os **Herulii**, sob seu líder Odoacer, depuseram Romulus Augustulus, o último imperador romano do Oeste. O imperador oriental, Zenão, “reconheceu” Odoacer como a continuação legítima do governo romano na Itália. Odoacer era um ariano, no entanto, e depois de um apelo do bispo de Roma, Zenão despachou Teodorico, o líder dos Ostrogodos, para expulsar os Herulii em 488. “Os bispos ortodoxos da Itália, não gostando do arianismo de Odoacer, apoiaram o invasor ariano. [Theodoric] como representante de um imperador quase ortodoxo. Com sua ajuda, Theodoric quebrou a forte resistência de Odoacer em cinco anos de guerra e o convenceu

a uma paz de compromisso [em 493]. Ele convidou Odoacer e seu filho para jantar com ele em Ravena, alimentou-os generosamente, e matou-os com sua própria mão “(The Story of Civilization, Will Durant, vol. 4, pp. 97-98).

O domínio **ostrogótico** da Itália, apesar de aceito como um meio de se livrar dos Herulii, permaneceu impopular com o bispo de Roma e a população católica romana. O general Belisarius, enviado de Constantinopla em 533 dC com 500 navios de transporte e 92 navios de guerra para livrar a África dos vândalos, veio à Itália em 536 para expulsar os ostrogodos. “As forças ostrogóticas eram escassas e divididas; o povo de Roma saudou Belisarius como libertador, o clero o recebeu como trinitário; ele entrou em Roma sem oposição” (Durant, p. 109).

Assim, os três primeiros “chifres” foram arrancados a pedido do bispo de Roma, o “chifre pequeno” de Daniel 7. O cenário estava sendo preparado para o verdadeiro reavivamento do Império Romano no Ocidente. Este avivamento em 554, como todos os avivamentos que ocorreram desde então, envolveu a bênção do bispo de Roma e seu papel como ator íntimo nas várias continuações do império da Roma antiga.

Capítulo 3

Roma - Antiga e Futura Mestra do Mundo?

Os pôsteres de turistas exibem uma Roma fascinante - uma cidade de sete colinas coberta com as glórias arquitetônicas do passado e do presente. Roma é uma cidade de contrastes. Edifícios antigos e ruínas antigas disputam lado a lado com uma cidade moderna e próspera. Vinte e sete séculos se passaram desde a sua fundação lendária nas mãos de Rômulo e Remo. Durante este longo período de tempo, esta cidade notável desempenhou um papel incomparável na história da civilização ocidental, como sede de intrigas e poder contínuo!

Aninhado na cidade de Roma, está o menor território soberano do mundo - Cidade do Vaticano. Mantendo suas próprias relações diplomáticas com todas as principais potências, esta minúscula cidade-estado, governada pelo pontífice romano, é uma plena participante nos assuntos internacionais. O Vaticano aspira ser muito mais do que um mero participante, no entanto. Parece que mais uma vez procura alcançar o papel orientador que desempenhou por tantos séculos.

Embora o antigo império de Roma tenha sofrido uma ferida fatal com a morte do último imperador em 476 dC, esse não foi o fim da história! Os três primeiros reinos brotando do antigo Império Romano, os vândalos, os herúlios e ostrogodos, foram arrancados. O poder do imperador oriental, Justiniano, realizou esta “ação” a comando do papa de Roma. A “restauração imperial” de Justiniano em 554 “curou” a “ferida mortal” e lançou a primeira de seis tentativas históricas de reviver e continuar o império da Roma antiga. E de acordo com a Bíblia, ainda há um sétimo e último reavivamento. Sua vida será afetada profundamente por eventos ainda por ocorrer no que seus moradores chamam de cidade “eterna”!

A Ferida Mortal É Curada

Com a conclusão das guerras góticas em 553 dC, a Itália ficou em pobreza e desordem. Roma havia sido capturada, sitiada, saqueada e deixada faminta. Finalmente, os exércitos do imperador romano oriental Justiniano ficaram vitoriosos. Os exércitos de Justiniano conseguiram reconquistar a Itália e os remanescentes do império ocidental, mas como ele deveria governá-lo? A resposta estava em uma aliança de igreja e estado que moldou a história da Europa Ocidental desde então. Embora a autoridade secular no Ocidente tenha entrado em colapso, “a sobrevivência da organização eclesiástica [sob o bispo de Roma] pareceu até aos imperadores como a salvação do estado. Em 554, Justiniano promulgou um decreto exigindo que ‘pessoas aptas e adequadas, capazes de administrar o governo local, serem escolhidas como governadores das províncias **pelos bispos e chefes de cada província**” (Durant, pp. 519-520).

Este evento é conhecido na história como Restauração Imperial. Os imperadores em Bizâncio continuaram como governantes nominais de um Imperium Romanum revivido no Ocidente de 554 a 800. Nos termos do decreto de Justiniano, no entanto, os bispos de Roma (agora chamados papas) detinham as rédeas do poder e eram, portanto, os verdadeiros cavaleiros. Sentados e montados na Besta imperial no Ocidente.

É importante observar neste ponto uma diferença significativa entre a Besta descrita em Apocalipse 13 e a descrita em Apocalipse 17. A Besta de Apocalipse 13 corresponde ao que Daniel viu em Daniel 7. João descreveu uma criatura que começou na Babilônia de Nabucodonosor e continuou até seus dias. Da sétima cabeça, do Império Romano, surgiram dez reinos. Daniel 7 explicou que os três primeiros desses dez chifres seriam “arrancados”. No entanto, a Besta de Apocalipse 17 é diferente. É uma criatura **montada pela mulher**, diferente da descrição anterior. A besta em Apocalipse 17 é a que “era e já não é” (v. 11) - o Império Romano **depois** que a ferida mortal é curada. É isto que a história, ironicamente e enganosamente, rotulou como o “Santo” Império Romano, dominado pela Igreja de Roma, que continuou desde a década de 554 dC através de vários avivamentos até os tempos modernos.

Apocalipse 17:11 explica que esta Besta “é o oitavo, e é dos sete, e entra em perdição” (KJV). É uma continuação da criatura de sete cabeças descrita em Apocalipse 13, mas é, de certa forma, uma oitava

cabeça nessa criatura, uma vez que começa depois que a última cabeça da Besta do Apocalipse 13 recebe uma “ferida de morte”. As sete cabeças da Besta do Apocalipse 17 são sete reinos (v. 10). São as sete ressurreições do Sacro Império Romano, correspondendo aos últimos sete dos “dez chifres” de Daniel 7 e Apocalipse 13. Os dez chifres do Apocalipse 17 também são dez reis ou reinos (v. 12). Eles dão poder ao reavivamento final do Sacro Império Romano e serão destruídos por Cristo na Sua vinda (v. 14), correspondendo assim aos dez dedos na imagem descrita em Daniel 2.

Agora, olhe mais de perto a história das “sete cabeças” mencionadas em Apocalipse 17. Nos anos após a restauração imperial, os imperadores orientais geralmente concentraram sua atenção mais perto de casa. A proteção e segurança que os imperadores orientais forneceram para o Ocidente tornaram-se insignificantes. Negociações privadas entre Carlos, rei dos francos e Leão, bispo de Roma, foram realizadas para resolver este problema. Os resultados das negociações foram manifestos em 800 dC.

“No dia de Natal, quando Carlos Magno [rei dos francos], nas clamys e sandálias de um patricius romanus, ajoelhou-se diante do altar de São Pedro em oração, [o papa] Leão de repente produziu uma coroa de jóias e a colocou na cabeça do rei. A congregação, talvez instruída de antemão para agir de acordo com o ritual antigo, quando o senatus populusque Romanus confirmando uma coroação, gritou três vezes: ‘Salve Carlos, o Augusto, coroado por Deus, o grande imperador dos romanos!’ A cabeça real foi ungida com óleo sagrado, o Papa saudou Carlos Magno como imperador e Augusto...” (Durant, pp. 468-469). Após vários anos de disputa, o imperador oriental de Bizâncio reconheceu Carlos Magno como co-imperador. O Império no Ocidente passou para uma segunda cabeça desde os dias da “ferida de morte” em 476 e sua subsequente “cura” em 554. Ambas as vezes foram a mando papal e com bênção papal.

Como afirma o historiador Will Durant: “Desta cooperação íntima da Igreja e do Estado, surgiu uma das idéias mais brilhantes da história da estadista: a transformação do reino de Carlos Magno em um Sacro Império Romano que deveria ter por trás todo o prestígio, santidade e estabilidade da Roma imperial e papal” (Durant, p. 468).

Durante o século e meio que se seguiu à coroação de Carlos Magno, seu império lentamente se desintegrou sob fracos sucessores.

Em 936, os saxões alemães haviam se tornado o grupo mais poderoso da Europa Central. Em 955, Otto, duque dos saxões e rei dos alemães, derrotou os magiares que tentavam invadir a Europa ocidental a partir do leste. Vários anos depois, ele entrou na Itália a pedido do Papa João XII para restaurá-lo ao poder e, depois, recebeu a coroa imperial em Pavia em 962. “Assim, mais uma vez, o fantasma do império romano foi convocado para sancionar a bem-sucedida construção estatal de um rei semi-bárbaro” (Handbook of Western Civilization, William McNiel, p. 317). A coroação de Otto marcou a inauguração de uma terceira cabeça na continuidade do império ocidental desde a restauração imperial de Justiniano.

Como os contemporâneos de Otto e seus sucessores encararam o significado de seu renascimento do império? Como escreveu o historiador Robert Hertzstein, “o Império era entendido não como um mero termo, mas como um regente cristão universal para Deus na Terra, para existir até à vinda do anticristo. Como Carlos Magno, Otto recebeu seu trono através da reivindicação papal que a Igreja romana era o único eleitor imperial desde o início do século IV... O Sacro Império Romano era, portanto, em grande parte alemão em sua base étnica e política, cristão em sua justificação moral e romano em sua reivindicação de legitimidade e universalidade (O Sacro Império Romano na Idade Média, ed. Hertzstein, p. Viii).

Em um ensaio intitulado “O Império como uma regência para Deus na Terra”, observou o historiador austríaco Friedrich Heer escreveu: “A tarefa do Império era ser protagonista de Deus na Terra, cumprir Seus objetivos aqui, proteger o Cristianismo e a Igreja, e preservar a justiça de Deus e a ordem divina do universo na Terra. O Império terrestre era o reflexo transitório da eterna Cidade de Deus... Nos símbolos imperiais, esta afirmação era exibida ao mundo inteiro: com a maçã imperial, cheia com a terra dos quatro cantos do mundo, o imperador segura o mundo inteiro em suas mãos... [o imperador] chamou a coroa imperial corona urbis et orbis [a coroa de Roma e do mundo]; ele se via como o caput mundi e como dominador orbis et urbis [cabeça do mundo e governante do globo e de Roma]” (Hertzstein, pp. 64-65).

O império revivido de Otto continuou por quase 300 anos. Finalmente, com a morte de Conrad IV em 1254, o império ficou tão rendido por facções rivais que resultou em um interregno de 19 anos (tempo sem imperador). Como resultado, Rudolph I foi eleito

imperador em 1273 - o primeiro da família Habsburgo a ser elevado ao trono imperial. O ápice deste quarto reavivamento do antigo império romano foi a coroação do descendente de Rudolph, Carlos V, em Bolonha pelo Papa Clemente VII em 1530. Carlos governou um vasto império. De sua mãe (Joan, filha de Fernando e Isabel de Espanha), ele herdara a Espanha e todos os bens espanhóis no Novo Mundo. De seu pai, ele herdou os vastos domínios dos Habsburgo na Alemanha, Itália e Europa Central.

Depois de Carlos V, o poder dos Habsburgos diminuiu. No século 18, “O Sacro Imperador Romano” era um título cada vez mais vazio. Na década final do século XVIII, toda a Europa foi abalada pela Revolução Francesa e suas consequências. Um homem altamente talentoso e extremamente ambicioso chegou ao poder na França. Seu nome era Napoleão e ele aspirava muito mais do que a presidência de uma república francesa ou mesmo se tornar um novo rei da França. Sua ambição só poderia ser satisfeita com o restabelecimento do Império Romano – com ele próprio como imperador. Como observa o historiador Will Durant, “ele sonhava em rivalizar com Carlos Magno e em unir a Europa ocidental” (*The Story of Civilization*, Will Durant, vol. 11, p. 243).

Napoleão se considerou sucessor de César e Carlos Magno. Encenando um plebiscito que ele ganhou por uma votação de 3.572.329 a 2.569, Napoleão mandou o Senado francês proclamá-lo imperador em 18 de Maio de 1804. Imediatamente ele iniciou negociações com o papa Pio VII para vir a Paris e consagrá-lo como imperador. As negociações foram bem-sucedidas e a coroação ocorreu em 2 de Dezembro.

Os Habsburgos da Áustria sentiram profundamente os sucessivos impulsos diplomáticos e militares de Napoleão, especialmente sua assunção do título imperial. Dois anos depois, por instigação de Napoleão, 16 príncipes e seus estados se retiraram do Sacro Império Romano, formaram a Confederação do Reno e pediram a Napoleão que os protegesse como parte de seu império. No mês seguinte, em 6 de Agosto de 1806, Francisco II renunciou ao seu título agora vazio de imperador do Sacro Império Romano. O império europeu de Napoleão agora se estendia do Atlântico ao Elba. Espanha, França, Holanda, Bélgica, Alemanha Ocidental e, eventualmente, toda a Itália formaram seu império renovado. Napoleão tornou-se assim o quinto chefe do Império ocidental revivido desde os dias de Justiniano.

“Babilônia” profética: Os Reinados

| Imagem (Daniel 2) | 4 Bestas (Daniel 7); Carneiro e Bode (Daniel 8) | Bestas do Mar e da Terra (Apocalipse 13) | | | |
|--|---|---|--|--|--|
| Cabeça de ouro (vv. 32, 38) | Leão (7: 4) | Besta de 7 cabeças do Mar com Boca de Leão, | | | |
| Peito e Braços de Prata (vv. 32, 39) | Urso (7: 5); Carneiro com 2 chifres (8: 3-4, 20) | Pés de Urso | | | |
| Barriga e Coxas de Bronze (vv. 32, 39) | Leopardo de 4 cabeças (7: 6); Cabra macho com chifre grande e 4 chifres notáveis (8: 5-8, 21-22) | e Corpo de leopardo (v. 2) | | | |
| 2 Pernas de Ferro (vs. 33, 40-43) | Fera com Dentes de Ferro e 10 chifres (7: 7, 23-24) | 7ª Cabeça desta besta tem 10 chifres (v. 1) | | | |
| | | Ferida Mortal (v. 3) | | | |
| | | 1º. Chifre (desenraizada) | 1º. Chifre | | |
| | | 2º. Chifre (desenraizada) | 2º. Chifre | | |
| | | 3º. Chifre (desenraizada) | 3º. Chifre | | |
| | | Pequeno Chifre entre os 10 (7: 8, 20-22, 24-27) | Besta com 2 Chifres 5º dos últimos 7 Chifres da Terra e Imagem (vv. 11-18) | | |
| | | 4º. Chifre | 1º dos Últimos 7 Chifres; Ferida Mortal Curada | Besta Continua 1.260 Anos Após a Cura (v.5) 554-1814dC | |
| | | 5º. Chifre | 2º dos Últimos 7 Chifres | | |
| | | 6º. Chifre | 3º dos Últimos 7 Chifres | | |
| | | 7º. Chifre | 4º dos Últimos 7 Chifres | | |
| | | 8º. Chifre | 5º dos Últimos 7 Chifres | | |
| | | Em 1814, 1.260 anos após a ferida mortal ter sido curada. De acordo com a História moderna do | | | |
| | | | 9º. Chifre | 6º dos Últimos 7 Chifres | |
| 10 dedos em 2 pés de ferro misturados com argila cerâmica (vs. 33, 42) | Décimo e Último Chifre | 7º dos Últimos 7 Chifres | | | |

os Sucessivos dos Reinos Gentios

| Prostituta Montando Besta Escarlate (Apocalipse 17) | Significado Simbólico | Realização Histórica |
|---|--|--|
| | 1ª Cabeça da Babilônia | Neobabilônico (e Caldeu) Império, 625-539 aC |
| | 2ª Cabeça da Babilônia | Império Medo-Persa 558-330aC |
| | Heads of Babylon 3ª, 4ª, 5ª e 6ª Cabeças da Babilônia | Império Helenístico de Alexandre o Grande e suas 4 Divisões 333-31aC |
| Besta Escarlate de 7 cabeças (v. 3) (montado em algum momento por Prostituta descrita abaixo) | 7ª Cabeça da Babilônia | Império Romano 31 aC - 476 dC (Constantino declarou Religião oficial do "Cristianismo" em 324 dC) |
| | Fim Aparente da Besta | Queda de Roma (476dC) |
| | 3 Chifres Sucessivos (seguidores bárbaros do Arianismo destruído em autoridade papal - este período chamado "Idade de transição" em Philip Myers' História Antiga, p. 571) | Reino dos Vândalos 429-533dC |
| | | Heruli (sob Odoacer) 476-493dC |
| | | Reino dos Ostrogodos 493-554dC |
| Prostituta Vestida de Rainha Chamada Mistério, Babilônia, a Grande (vv. 1-6) | Religião Cristã Falsa Governando a Besta | Igreja Católica Romana sob o Papa (na "imagem" de o governo civil Romano) |
| 1ª Cabeça da Besta Escarlate montado por Prostituta | Avivamentos da Besta: Os 7 últimos chifres de Daniel 7 e Apocalipse 13 são iguais às 7 cabeças da Besta Escarlate do Apocalipse 17 (5 das quais estão "caídas" quando Napoleão é derrotado em 1814 - v. 10) | Restauração Imperial do Oeste sob Justiniano (554dC) |
| 2ª Cabeça montada por Prostituta | | Império Carolíngio (Carlos Magno coroado em 800 dC) |
| 3ª Cabeça montada por Prostituta | | Sagrado Império Romano (Otto, o Grande coroado em 962dC) |
| 4ª Cabeça montada por Prostituta | | Dinastia Habsburgo (Carlos V coroado em 1530 dC) |
| 5ª Cabeça montada por Prostituta | | Império de Napoleão 1804-1814dC |
| ada em 554dC, o "Sacro Império Romano" terminou com a derrota esmagadora de Napoleão. e Willis West, "então fechou um governo que data de Augusto César" (p. 377) | | |
| 6ª Cabeça montada por Prostituta | "Um É" (Apocalipse 17:10) - entendido pela Igreja de Deus no tempo do fim (Daniel 12: 9-10) | Itália e Alemanha terminando no eixo Hitler-Mussolini 1870-1945dC |
| 7ª Cabeça montada por Prostituta (com 10 buzinas); 8ª Sistema se a Besta em si é o primeiro (v. 11) | Outro Avivamento Que "AINDA NÃO VEIO" (Apocalipse 17:10) | Último Renascimento do Império Romano(10 governantes nacionais sob um único líder) |

O império de Napoleão não estava destinado a ter vida longa, no entanto. Uma coalizão liderada pelos britânicos provocou sua derrota e abdicação em 1814. Isto terminou um período de 1.260 anos desde a restauração imperial sob Justiniano em 554. Assim, a profecia em Apocalipse 13: 3–5 da Besta recebendo uma ferida mortal, a ferida sendo curada, e então a Besta “dada autoridade para continuar por quarenta e dois meses” foi cumprida (42 “meses” de 30 dias equivalem a 1.260 “dias”). A abdicação de Napoleão marcou o fim de uma época. Segundo a profecia, ainda havia mais duas tentativas de reavivamento da glória e grandeza da Roma antiga.

Duas Reivindicações Finais – Uma passada e uma ainda por vir

Após o colapso de Napoleão em 1814, a Alemanha e a Itália permaneceram divididas e impotentes pelo próximo meio século. Cada uma delas foi dividida em vários pequenos estados e principados e foi alugada com disputas internas. Em 1871, Bismarck conseguiu unir toda a Alemanha não-Habsburgo sob o rei prussiano, enquanto Garibaldi conseguiu unir toda a Itália sob o rei do norte da Itália da Sardenha-Piemonte.

Cinqüenta anos após a inauguração da união de Garibaldi, um homem forte, que teve visões de restaurar novamente a grandeza e a glória da Roma antiga, chegou ao poder nesta Itália unida. Seu nome era Benito Mussolini e ele levou seus fascistas ao poder em 1922. Os fascistas derivaram seu nome dos fasces da Roma Imperial. Os fasces eram um machado envolto em um maço de varas, significando unidade e autoridade. Foi transportado pelos cônsules romanos como um símbolo de seu cargo.

Desde 1870, quando o exército Italiano do rei Victor Emmanuel derrotou os exércitos do papa e capturou Roma, houve um tenso impasse entre os papas e os novos governantes da Itália. Finalmente, em 1929, Mussolini assinou o Tratado de Latrão com o papado, que estabeleceu a soberania papal sobre a Cidade do Vaticano e fez do governo de Mussolini o primeiro governo Italiano da história moderna a ser reconhecido oficialmente pelo papa.

A Concordata assinada entre o papado e o governo fascista da Itália foi um prelúdio para uma assinada quatro anos depois entre o papado e o governo Nazista Alemão. O papel do Vaticano no estabelecimento de Mussolini e Hitler no poder é detalhado no Papa do Hitler, a História Secreta de Pio XII (John Cornwell, Viking, 1999).

Ansioso para restaurar a “glória”, Mussolini procurou lugares para conquistar. A Etiópia, cujos exércitos haviam expulsado os italianos do leste da África em 1896, parecia uma perspectiva provável. Os exércitos de Mussolini invadiram com sucesso a Etiópia e a Somalilândia. Em 1936, proclamou grandiosamente, da varanda do Palácio Venezia, “ após 15 séculos, o reaparecimento do Império nas colinas predestinadas de Roma”. Mussolini passou a fazer uma aliança com Adolph Hitler, governante da Alemanha desde 1933, que resultou no Eixo Roma-Berlim da Segunda Guerra Mundial. Esta sexta tentativa da união da Europa, revivendo o conceito de Roma imperial caiu em chamas, e incendiada em 1945.

Muitos disseram depois da Segunda Guerra Mundial que o dia da Europa se tinha ido. Cidades, campos e economias nacionais foram devastadas em todo o continente, especialmente na Alemanha. Muitos pensavam que o comunismo russo era a onda do futuro na Europa. Afinal, Stalin envergou rapidamente a bota russa ao máximo assim como a Europa pôde imediatamente após a guerra. A ideia de uma Europa liderada pela Alemanha desempenhando um papel dominante nos assuntos mundiais era algo que muitos observadores disseram que nunca mais aconteceria.

No entanto, em 1957, 12 anos após o final da Segunda Guerra Mundial, o Tratado de Roma instituiu um mercado comum, que era formado pela França, Alemanha Ocidental, Itália e pelos três estados do Benelux. Este foi o antecessor direto da poderosa União Europeia de hoje.

Profecias Para os Nossos Dias e Além

Esta União Européia está preparando o cenário para o futuro - uma sétima e última tentativa de ressuscitar a grandeza e o poder da Roma imperial? Quando Daniel 7 e Apocalipse 13 são comparados, vemos que os “dez chifres” (reinos) surgiram do Império Romano, a sétima cabeça da Besta. Os três primeiros destes “chifres”, os vândalos, Herulii e Ostrogodos, foram “arrancados” por ordem papal. Isto cumpriu a profecia de Daniel 7: 7-8, 23-25, deixando os sete “chifres” finais. Seis tentativas de restaurar o império da Roma antiga ocorreram com sanção papal. Elas vieram e se foram, e agora fazem parte do registro histórico.

A história dos sete reavivamentos (seis no passado e um ainda futuro) também é contada simbolicamente em Apocalipse 17. Aqui

vemos uma outra Besta com sete cabeças e dez chifres. Esta criatura é diferente da de Daniel 7 e Apocalipse 13 - é montada por uma mulher, simbolizando uma organização religiosa chamada “Mistério, Babilônia, a Grande”. Em outras palavras, é uma perpetuação da antiga religião misteriosa da Babilônia, que agora se tornou grande e poderosa.

A criatura de sete cabeças de Apocalipse 17 é claramente o Sacro Império Romano, porque “As sete cabeças são sete montes **onde a mulher se senta**” (Apocalipse 17: 9). No versículo 10, as sete “montanhas” são identificadas como sete reis ou reinos. As criaturas retratadas em Daniel 7 e Apocalipse 13 não foram montadas pela mulher. A besta de Apocalipse 17 é como seu antecessor, ele tem dez chifres na cabeça final. Em Apocalipse 17, os dez chifres representam dez futuros governantes que coletivamente darão seu poder e autoridade à “Besta” - um reavivamento no final dos tempos do antigo Sacro Império Romano. O prazo ainda está por vir, porque estes dez lutarão contra Cristo em Seu regresso (Apocalipse 17: 12-14, 17).

Isto nos leva de volta à primeira visão que Daniel interpretou - a imagem em Daniel 2 das duas pernas de ferro que terminam em pés de ferro e argila. Os dez dedos dos pés, cinco em cada pé, foram retratados como sendo esmagados por Cristo em Seu regresso antes de estabelecer o Reino de Deus na Terra (Daniel 2: 34-35, 42-44). Os dez dedos de Daniel 2 e os dez chifres de Apocalipse 17 são sinônimos, simbolizando dez governantes que apoiarão coletivamente e darão sua lealdade à sétima final ressurreição do Império Romano.

As pernas da imagem de Daniel 2 representam o Império Romano dividido no Império Oriental e no Império Ocidental pelo imperador Diocleciano em 286 dC. A profecia bíblica concentra-se na continuação do império ocidental - a Besta montada pela “mulher”. No entanto, Daniel 2 mostra que a perna oriental tem um papel a desempenhar no reavivamento final. O Império Romano do leste continuou com os imperadores governando em Constantinopla até 1453, quando os turcos otomanos invadiram a cidade e mataram o último imperador, Constantino XI.

Mas não foi o fim da perna oriental. Em 1472, 19 anos após a queda de Constantinopla, o papa realizou uma cerimônia de casamento entre Ivan, o Grande, duque de Moscovo e Zoe, sobrinha e herdeira do último imperador do leste. “O casamento foi importante para estabelecer a reivindicação dos governantes russos de serem os su-

cessores dos imperadores gregos e os protetores do cristianismo ortodoxo... Ivan recebeu o título de Tzar, ou Czar, ou seja, César” (Langer, p. 342). Assim, ao longo da história, o Império Romano continuou como duas pernas. Dois indivíduos afirmaram ser os sucessores de César. No reino latino, germânico e católico romano do Ocidente, a forma do título era Kaiser. No reino grego, eslavo e ortodoxo do Oriente, era o Tzar.

Aquele que diz que declara “o fim desde o princípio” revela que, eventualmente, dez reis (ou governantes) que são os sucessores das **duas** “pernas” orientais e ocidentais que se unirão. Eles formarão a última ressurreição do Império Romano - a personificação final da Babilônia.

Há más notícias pela frente. Estes dez governantes finais darão seu apoio a uma união de igreja e estado na Europa, que aspirará ao domínio mundial. Como afirmou Johannes Haller, um historiador popular alemão que morreu em 1947: “Na memória do povo alemão, o antigo Império [Santo Romano] vive como um tempo de grandeza e esplendor que um dia deve voltar à vida” (“A maior época do povo alemão”, 1944).

Após um interlúdio de aparente paz e prosperidade, este sistema mergulhará o mundo inteiro em um pesadelo infernal. A menos que Deus intervenha enviando Jesus Cristo de volta a esta terra, resultará em destruição total e nenhuma carne será deixada viva (Mateus 24: 21–22, 29–30).

No entanto, além das más notícias, há boas notícias - realmente as melhores notícias possíveis. Nos dias desta união final de governantes europeus, “o Deus do céu estabelecerá um reino que nunca será destruído... permanecerá para sempre” (Daniel 2:44).

Capítulo 4

A Marca Misteriosa da Besta

Quase nenhum assunto profético suscitou mais conjecturas e especulações do que a “marca da besta”. Além de uma “marca”, Apocalipse 13 também menciona uma “imagem” da Besta, bem como o misterioso “número de seu nome” - 666. Qual é o significado destes símbolos misteriosos?

Antes de examinar o número, a imagem ou a marca, considere o que estabelecemos até agora. A Besta do fim dos tempos é claramente identificada em sua Bíblia como o sucessor moderno do império da antiga Babilônia. O profeta Daniel identificou quatro reinos sucessivos: Babilônia, Pérsia, Grécia e Roma. Roma, o “quarto reino”, deveria continuar por sete reavivamentos até o regresso do Messias, quando o Deus do céu destruirá o final do Império Romano revivido e estabelecerá um reino que durará para sempre.

Como o Império Romano é a Besta descrita por João em Apocalipse 13 e Apocalipse 17, a “marca” é uma etiqueta ou marca do Império Romano. A “imagem” da Besta deve ser algo modelado ou estampado após o Império Romano.

Antes de prosseguir, observe que Apocalipse 13 menciona um segundo “animal” de origem terrena, e não celeste (v. 11). Ele se disfarça exteriormente como cristão, procurando se identificar com Cristo, o Cordeiro de Deus (cf. João 1:29), mas recebe seu poder do diabo, o velho dragão (Apocalipse 12: 9). Na profecia, os chifres são usados para representar governo ou autoridade, e esta criatura é retratada com dois chifres. Apocalipse 13:12 revela que este segundo animal insiste em que todos dêem fidelidade e lealdade ao Sacro Império Romano, o animal cuja ferida mortal foi curada (v. 12). Este segundo animal é descrito como realizando grandes milagres, que enganarão a humanidade (vv. 13–14). Em Mateus 24:24, Cristo profetizou “falsos cristos” que enganarão todos, menos os próprios eleitos.

Historicamente, havia uma instituição que alegava representar Cristo (“como um cordeiro”, v. 11) e dominava a população por meio de vários “milagres” (v. 14) - uma instituição que ensinava a falsa mensagem do diabo de que a lei de Deus foi “anulada” e o que insistia em que seus seguidores dessem lealdade ao Sacro Império Romano? Durante o período medieval, a Igreja de Roma fez exatamente isto!

Por que os dois chifres? A Igreja de Roma é um governo eclesiástico e civil. O papa é um líder religioso e um chefe de estado civil. A profecia bíblica mostra que a união entre igreja e estado da Idade Média foi precursora de eventos do fim dos tempos cuja escala será muito maior.

A Marca Misteriosa

O que poderia ser considerado a marca ou etiqueta do Império Romano? Seja o que for, dentro de alguns anos será necessário para todos aqueles que vão participar do sistema econômico de Babilônia, a Grande (Apocalipse 13:17). No entanto, aqueles que a aceitam, por suas ações, invocam sobre si a ira não diluída de Deus (Apocalipse 14: 9-10). Qualquer que seja esta marca, ela existe há séculos, porque todos os justos mártires a rejeitaram (Apocalipse 20: 4). Apocalipse 13, ao descrever a interação da Igreja de Roma e do Sacro Império Romano medieval, deixa claro que a marca, a imagem e o número do nome da Besta existiram durante a Idade Média como precursora dos eventos do fim dos tempos.

No passado, muitas sugestões foram avançadas para identificar esta marca. Na década de 1930, alguns tentaram conectá-la aos cartões da Previdência Social exigidos pelo governo Roosevelt. Outros viram implicações sinistras nos códigos universais de produtos lidos pelos scanners de caixas registradoras. Outros ainda suspeitam de cartões bancários e outras inovações tecnológicas. Muitos esperam que algum tipo de tatuagem ou chip de computador embutido oculto seja impingido a uma população inocente. Mas, a menos que olhemos para **tudo** o que a Bíblia revela sobre este assunto, seremos incapazes de obter um entendimento claro.

Apocalipse 14:10 revela que aqueles que receberem a marca da Besta terão a ira de Deus derramada sobre eles. Observe o claro ensino do apóstolo Paulo sobre os destinatários da ira de Deus. Colossenses 3: 6 nos diz que “a ira de Deus sobre **os filhos da desobe-**

diência". A marca da besta é, portanto, uma marca de desobediência a Deus. Marca aqueles que se recusam a guardar os mandamentos de Deus, apesar da pregação das duas testemunhas e até do aviso final dado por um anjo de Deus (Apocalipse 14: 9).

A **marca da Besta permanece claramente como uma marca de desobediência** a Deus e Suas leis. A Bíblia revela **um sinal contrastante de obediência** que identifica o verdadeiro povo de Deus? Observe Êxodo 31: 13–17. Aqui Deus declarou ao Israel antigo que Seus sábados eram um sinal entre Ele e Seu povo para sempre! **O sábado é o mandamento de teste** para identificar o verdadeiro Deus da criação e as pessoas que são obedientes aos Seus mandamentos e leis.

Apocalipse 13 explica que a marca da Besta, uma marca de desobediência a Deus, é tomada na mão e na testa. Assim como a desobediência é descrita como usada na mão e na testa, o mesmo acontece com a obediência à lei de Deus. Observe Deuterônimo 6. “Estes, pois, *são* os mandamentos, os estatutos e os juízos que mandou o SENHOR, vosso Deus, para se vos ensinar, para que *os* fizésseis na terra a que passais a possuir; para que temas ao SENHOR, teu Deus, e guardes todos os seus estatutos e mandamentos... **Também as atarás por sinal na tua mão, e te serão por testeiras entre os teus olhos**” (vv. 1-2, 8, KJV). A mão é simbólica das ações, enquanto a testa é a sede do intelecto. A obediência a Deus envolve ambas as ações (mão) e vontade (testa).

A marca da besta é uma marca de desobediência a Deus. Isto não so envolve apenas à rejeição do sinal de obediência de Deus, o sábado, mas também à aceitação de um sinal ou marca falsa. Esta marca é, na realidade, uma marca derivada da Babilônia e Roma. Existe tal símbolo que chegou até aos tempos modernos?

Adoração Do Sol – Antiga Falsificação De Satanás

Na antiga Babilônia, os reis serviam como sumos sacerdotes do sol, Bel-Marduk. “Tomar a mão de Bel-Marduk” fazia parte da cerimônia de instalação como rei na Assíria e na Babilônia (“Religião babilônica e assíria”, Enciclopédia Britannica, 11ª ed.). A celebração do solstício de inverno por volta de 25 de dezembro foi considerada como o aniversário do sol. Foi um feriado importante associado à doação de presentes e à sagrada árvore perene.

Não apenas grande parte da adoração pagã da Babilônia envolveu o sol, mas também a adoração de cada um dos sucessores de

Babilônia, por sua vez, primeiro na Pérsia e depois no mundo helenístico e em Roma. De fato, quando as quatro bestas de Daniel surgiram, a adoração ao sol havia se destacado como religião imperial.

A Pérsia foi o primeiro sucessor de Babilônia. A religião persa antiga centrou-se na adoração de Mitra, o deus da luz. Como resultado da influência babilônica, no entanto, Mitras passou a ser identificado com o deus do sol da Babilônia. Os gregos da Ásia Menor identificaram Mitras com seu antigo deus do sol, Helios, e contribuíram para a propagação para o oeste do culto ao sol. Alexandre, o Grande, viajou ao Egito para o Templo de Amon-Ra para ser proclamado pelos sacerdotes como o filho literal do deus do sol. E quanto a Roma? “Mitras, identificado com o Sol Invictus em Roma, tornou-se assim o doador de autoridade e vitória à casa imperial” (“Mitras”, Enciclopédia Britannica, 11ª ed.). O Dicionário Clássico de Lempriere afirma que o sol, o deus do sol de Roma, era adorado como “o Baal ou Bel dos Caldeus [babilônios]” (p. 590). A adoração ao sol e seus símbolos foram adotados pelo Império Romano por seus antecessores e transmitidos a todo o mundo ocidental!

Hoje, no Líbano moderno, há uma pequena vila árabe chamada Baalbek. Localizada há as ruínas de dois templos majestosos, outrora o orgulho de Heliópolis, a “cidade do sol” greco-romana. Observe a explicação do historiador Will Durant: “Augusto plantou uma pequena colônia lá, e a cidade cresceu como a sede sagrada de Baal, o Deus Sol. ... Sob Antoninus Pius e seus sucessores, arquitetos e engenheiros romanos, gregos e sírios levantados, no local de um antigo templo fenício de Baal, um imponente santuário de Iuppiter Heliopolitanus “(A História da Civilização, Will Durant, vol. 3, p. 511). Assim, Júpiter romano se identificou com Baal, o antigo deus do sol.

Outro grande centro de adoração pagã ao sol era o templo de Heliópolis, no Egito, onde estava localizado um grande obelisco sagrado ao sol. Por volta de 40 dC, o imperador romano Calígula transportou este obelisco do Egito para Roma e o montou em seu circo na colina do Vaticano. Em 1586, por ordem do Papa Sisto V, este obelisco antigo - com 83 pés de altura e pesando 320 toneladas - foi movido a uma curta distância de sua localização atual. Exigindo uma equipe de 800 trabalhadores, 160 cavalos e 45 guinchos, o obelisco foi exatamente centrado em frente da entrada da Catedral de São Pedro - onde permanece até hoje.

Na Roma antiga, antes dos dias do império, havia um culto dedicado ao sol, o deus do sol. As religiões mundiais de Parrinder, da história antiga até ao presente, discutem o desenvolvimento da adoração ao sol como a religião de Roma:

“Era natural que, à medida que o centro de gravidade do império romano se movesse para o leste, a adoração ao sol crescesse em poder. Já era forte na propaganda imperial; a Casa Dourada de Nero era um lar apropriado para o sol encarnado, e Antonius concedeu ao sol honra peculiar. Sob a dinastia Severan, o culto ao sol tornou-se dominante; o deus do sol foi retratado com a barba característica de Severus, e o imperador recebeu o título INVICTVS (não conquistado), que era o epíteto peculiar do sol ... O sol era uma excelente unificação símbolo e ponto de encontro de todo o império... em 274 dC, Aureliano estabeleceu o deus do sol como o deus supremo do império romano”(p. 175).

Aureliano, imperador de 270 a 282 dC, atribuiu grande parte do caos moral e político de Roma do século III à desunião religiosa. Ele procurou unir todo o império na “adoração ao deus-sol e ao imperador como vigário daquela divindade na terra... Ele construiu em Roma um resplandecente templo do sol, no qual, esperava, o Baal de Emesa e o deus do mitraísmo se fundiriam... Aureliano avançou que a orientalização da monarquia que começara com Elagabalus e se completaria em Diocleciano e Constantino “(Durant, p. 639).

Constantino, considerado o primeiro imperador “cristão” de Roma, era ele próprio um devoto do deus do sol. “De fato, o cristianismo do imperador Constantino era ambíguo. Sua família devia lealdade tradicional ao deus do sol; a famosa visão da cruz quando ele marchou em Roma veio a ele do sol;; o sol continuou aparecendo em suas moedas durante a década e em seu arco em Roma, sua própria estátua em Constantinopla ostentava a coroa radiada do deus-sol “(Parrinder, p. 175). No primeiro século, a semana planetária de sete dias estava sendo popularizada em Roma. A semana de sete dias se originou na criação (Gênesis 1) e o conhecimento do ciclo semanal correto foi preservado pelos judeus. No entanto, na antiga Babilônia, cada um dos sete dias da semana se associou ao que os antigos chamavam de sete planetas: Sol, Lua, Marte, Mercúrio, Júpiter, Vênus e Saturno. Isto é signifi-

cativo porque preparou o terreno para uma proclamação imperial que imprimia indelevelmente no mundo dos professos cristãos uma marca, ou **etiqueta**, derivada da antiga adoração ao sol.

A Enciclopédia Britannica registra: “O reconhecimento mais antigo da observância do domingo como um dever legal é uma constituição de Constantino em 321 dC, promulgando que todos os tribunais de justiça, habitantes das cidades e oficinas deveriam descansar no domingo (*venerabili die solis*) (“Domingo”, 11a ed.).

Usando o termo latino traduzido corretamente como “venerável dia do sol”, Constantino identificou o primeiro dia da semana com aquele dia dedicado desde os tempos antigos ao Sol, o sol. Através da proclamação de um imperador romano, uma marca da antiga Babilônia e o culto à adoração ao sol foram carimbados à força nos habitantes do Império Romano. Essa marca - com outros símbolos associados à adoração ao sol - continuou desde o período medieval até os tempos modernos.

A Imagem Da Besta

Vimos que o segundo animal mencionado em Apocalipse 13 não é outro senão a Igreja de Roma, enquanto o primeiro animal mencionado é o Império Romano. A Igreja de Roma, este segundo animal, instruiu que uma “imagem” do primeiro animal, o Império Romano, deveria ser feita. O que é uma imagem? É uma cópia, modelo, representação ou contraparte. A imagem da Besta é, portanto, uma contrapartida do antigo Império Romano - algo modelado após o reino ou governo romano pagão. Observe a declaração clara do historiador e estadista britânico James Bryce de que o “[sistema] papal” havia sido modelado após o Império mais antigo” (“Uma história do Sacro Império Romano deve ser deduzida de sua teoria”, Hertzstein, p. 53) .

Apocalipse 13 explica que a falsa igreja, a segunda besta, insiste em que todas as pessoas dêem total lealdade e devoção (adoração) à imagem, a estrutura organizacional religiosa modelada após o antigo Império Romano. Isto “causa” que sejam mortos aqueles que recusam (Apocalipse 13:15). Durante a Idade Média, a igreja não executou o castigo em si. Simplesmente declarou como hereges aqueles que recusaram a adesão ao sistema. Os declarados anátemas da igreja eram considerados inimigos do estado e, portanto, eram tratados pelo governo civil.

O Império Romano do primeiro século era autoritário. Mas a maioria não percebe que, para muitos cargos, a eleição também foi uma prática honrada e aceita. Até o imperador foi eleito - ostensivamente pelo Senado, embora de maneira mais comum pela Guarda Pretoriana ou simplesmente pelo exército.

Alguns dos anciãos que Paulo advertiu (Atos 20:30) mais tarde se tornaram líderes em enganar o povo de Deus a seguir o padrão dos municípios romanos, realizando reuniões públicas da igreja com oficiais eleitos. Observe as declarações do historiador Arthur Boak: “Estes municípios foram modelados de perto por Roma, embora certos títulos, como os de cônsul e Senado, fossem reservados para a capital... Todos os funcionários foram eleitos popularmente” (A History of Rome to 565ad, 1965, p. 370). O Dr. Boak continua escrevendo: “Embora as classes mais baixas de Roma e os municípios tivessem poucas oportunidades de atividade política, eles encontraram uma compensação na vida social de suas guildas ou faculdades... Assim surgiram faculdades profissionais, religiosas e funerárias. Sua organização foi modelada com base nos municípios” (p. 370-371). Ao escrever sobre o desenvolvimento da incipiente Igreja Católica Romana, o Dr. Boak acrescenta: “Em sua organização, estas comunidades eram do mesmo tipo geral, lembrando as faculdades religiosas romanas” (p. 401).

Nas congregações, um número crescente de pessoas não convertidas queriam ter uma “voz”. Elas escolheram professores que sancionavam eleições, que os agradavam com ensinamentos que cada vez mais os levavam de volta aos costumes pagãos do mundo ao seu redor. Em sua carta final a Timóteo, o apóstolo Paulo profetizou diretamente sobre este rumo dos acontecimentos (2 Timóteo 4: 3-4).

O historiador Edward Gibbon escreveu que “a ordem das deliberações públicas logo introduziu o cargo de presidente, investido pelo menos com a autoridade de reunir os sentimentos e de executar as resoluções da assembléia” (Triunfo da cristandade no Império Romano, p. 44). Gibbon continuou descrevendo os tempos seguintes ao reinado do imperador Constantino:

“Mas a cadeira episcopal foi solicitada, especialmente nas grandes e opulentas cidades do império, como uma dignidade temporal e não espiritual. As visões interessadas, as paixões egoístas e raivosas, as artes da perfídia e dissimulação, a cor-

rupção secreta, a violência aberta e até sangrenta, que anteriormente desonrava a liberdade de eleição nas comunidades da Grécia e de Roma, muitas vezes influenciava a escolha dos sucessores dos apóstolos “(p. 336).

Usando as instituições e práticas do Império Romano como modelo, os homens criaram uma estrutura de governo da igreja. As manobras políticas se tornaram um substituto para buscar a vontade de Deus. Os ensinamentos populares e calmantes foram substituídos pela palavra clara de Deus, que oferecia correção e repreensão.

O problema com a Igreja de Roma era que ela substituía uma estrutura política humana no lugar do governo de Deus. No governo de Deus, os anciãos devem ser nomeados, **com base em seus frutos**, por aqueles que Cristo já colocou como líderes em Sua Igreja (Tito 1: 5–9). O governo de Deus é baseado em Sua lei. Deus a valida com base no fruto positivo que está sendo produzido (Mateus 7: 15–23; cf. Números 17: 7–10).

A Igreja de Roma desenvolveu-se segundo o modelo do antigo Império Romano, do qual derivou sua estrutura. Exigia-se uma lealdade idólatra à estrutura organizacional, mesmo que tentasse “mudar os tempos e as leis” (cf. Daniel 7:25). No governo de Deus, Ele deixa claro onde está trabalhando pelos frutos, e nos submetemos aos líderes humanos enquanto eles estão seguindo a Cristo (1 Coríntios 11: 1).

O Número De Seu Nome

O que dizer do misterioso número 666? Muitas soluções engenhosas foram criadas para rotular os indivíduos desejados com esse número. Mas o que a Bíblia quer dizer quando nos diz que este é o número de um homem?

Antes que os algarismos arábicos fossem aceitos no mundo ocidental no século XIII, as letras do alfabeto eram dobradas. Assim, todos os nomes tinham valor numérico. A maioria de nós conhece os algarismos romanos, onde as letras do alfabeto latino têm valor numérico. Nesse sistema, I = 1, V = 5, X = 10 e assim por diante. Grego e hebraico são os idiomas em que a Bíblia foi escrita, e ambos usam um sistema semelhante.

A primeira solução proposta para o significado de 666 é uma tradição atribuída a Policarpo, o discípulo do mesmo apóstolo João

que escreveu Apocalipse. Esta tradição é preservada nos escritos do século II de Irineu. O número 666 é “... contido nas letras gregas de Lateinos (L = 30; A = 1; T = 300; E = 5; I = 10; N = 50; O = 70; S = 200)” (comentário sobre Toda a Bíblia, Jamieson, Fausset e Brown). Lateinos é um termo grego que se refere aos romanos. Curiosamente, a expressão grega que significa “reino latino” (h Basileia latina) também tem um valor numérico de 666. Os escritores gregos geralmente se referiam ao Império Romano dessa maneira. O livro do Apocalipse foi originalmente escrito em grego, como foi escrito para igrejas de língua grega na antiga Ásia Menor.

Outra explicação interessante envolve o nome do imperador Nero, que morreu cerca de 25 anos antes de João escrever Apocalipse. Embora Nero estivesse morto, seu governo era, no entanto, um tipo do sistema romano do fim dos tempos. Ele foi levado ao poder prometendo reformas constitucionais e um regresso à “idade de ouro” de Augusto, mas tornou-se cada vez mais cruel e despótico depois de alcançar o poder. Vivendo em uma atmosfera de intrigas e conspiração, ele abusou de seu poder e foi responsável pela primeira perseguição oficial do estado romano aos cristãos. Durante seu reinado, a maioria dos apóstolos, incluindo Pedro e Paulo, foram martirizados. Seu nome em grego estava escrito Neron Kaesar (Nero Caesar). Quando a forma grega de seu nome está escrita em caracteres hebraicos, o valor numérico deles também soma 666.

O fundador da Roma antiga foi Romulus, de cujo nome derivam Roma e Romano. O nome latino Romvlvs está escrito em hebraico como Romiith. No idioma hebraico, isto também soma 666 (resh = 200, vau = 6, mem = 40, yod = 10, yod = 10, tau = 400). Assim, tanto no grego quanto no hebraico, as duas línguas da Bíblia, o número 666 está estampado no reino que derivou de Roma.

Os próximos anos trarão a sétima e final ressurreição do Sacro Império Romano. Provavelmente haverá um significado numérico especial para o nome, ou talvez um título especial, do líder do tempo do fim do poder da Besta. No entanto, é importante perceber que o sistema romano já está marcado com 666. Esse sistema - e sua ressurreição do tempo do fim - é identificado como a Besta.

Capítulo 5

Uma História de Duas Cidades – Passado e Futuro

O conto de duas cidades dramaticamente contrastantes é um fio que vai do começo ao fim em toda a Bíblia. Gênesis 10 nos apresenta Babilônia, ou Babel, a cidade que Nimrod construiu. Em Gênesis 11, encontramos Abraão, um homem nascido em Ur dos Caldeus, uma cidade adjacente e parte do antigo reino de Babilônia. Gênesis 12 fala da partida de Abraão, por ordem de Deus, da vizinhança da Babilônia. Em Gênesis 14, Abraão vem a Jerusalém, antigamente chamada simplesmente Salém, para se encontrar com Melquisedeque, “o sacerdote do Deus Altíssimo”, que tanto abençoou Abraão quanto recebeu seu dízimo.

No último livro da Bíblia, lemos sobre a Babilônia mais uma vez. Apocalipse 18 fala de “Babilônia, a Grande” e de sua destruição final e total. Assim como Abraão, antigamente, disse ao povo do fim dos tempos de Deus: “Sai dela, povo meu” (Apocalipse 18: 4). Apocalipse 21 registra a chegada à Terra da Nova Jerusalém, a cidade “cujo criador e construtor é Deus” (Apocalipse 21: 2).

Babilônia e Jerusalém são duas cidades antigas, que representam dois sistemas de governo e modos de vida completamente opostos. Um é derivado de Nimrod, o primeiro tirano pós-dilúvio que se rebelou contra Deus e Suas leis. Nimrod introduziu um sistema de governo tirânico humano e procurou construir um governo mundial à maneira do diabo. Babilônia é a falsificação histórica de Satanás e sua alternativa ao reino de Deus.

Após a intervenção de Deus na Torre de Babel, a proeminência de Babilônia aumentou e diminuiu nos séculos seguintes. Finalmente, no século VII aC, a capital da Assíria, Nínive, caiu para os invasores, e Babilônia mais uma vez ganhou destaque como a principal cidade da Mesopotâmia. Nabucodonosor tornou-se rei da Babilônia e lançou uma unidade de expansão que dava o domínio da Babilônia

sobre todo o Oriente Médio. Suas conquistas incluíram Judá e sua capital, Jerusalém. Por volta de 586 aC, os babilônios invasores destruíram Jerusalém e o templo de Deus localizado lá. Quase 20 anos antes disso, vários jovens judeus cativos haviam sido levados para a Babilônia. Entre esses cativos estava Daniel.

Na noite que começou a Festa das Trombetas em 539 aC, 66 anos após o início do reino de Nabucodonosor, Daniel ficou num salão de banquetes silencioso e leu “a caligrafia na parede” a um dos sucessores de Nabucodonosor, Belsazar. Babilônia era pesada na balança, achada em falta, e naquela mesma noite daria lugar a um reino sucessor.

A cidade de Babilônia caiu e, após séculos, tornou-se um local desolado e desabitado, mas o sistema que se originou ali não terminou. Continuou por seus sucessores, assim como Daniel gravou tantos séculos atrás.

Gênesis 10:10 explica que o começo do reino de Nimrod foi Babel. Nos anos que estão à nossa frente, a encarnação do fim dos tempos daquele reino antigo está destinada a subir novamente. A cidade antiga construída por Nimrod há muito tempo foi reduzida a poeira e ruína, mas o sistema governamental, religioso e econômico que começou lá continuou. A Babilônia antiga foi alcançada por uma Babilônia moderna, chamada pelo profeta Isaías a “filha da Babilônia” (Isaías 47: 1).

O Que Vem a Seguir?

Estamos vivendo em um mundo turbulento. Há medo e apreensão sobre o futuro. Por um lado, a ciência e a tecnologia prometem um mundo de deslumbrante prosperidade. Por outro lado, a guerra nuclear e o terrorismo biológico e químico ameaçam a própria existência do nosso mundo. Um grande líder carismático na Europa surgirá, respondendo a esta crise. Ele fará uma aliança de igreja e estado que oferecerá paz, segurança e prosperidade a um mundo desesperado.

Usando duplicidade e intriga, ele induzirá dez líderes europeus, representando os sucessores do fim dos tempos nas partes leste e oeste do Império Romano, a se unirem temporariamente e a darem seu poder a ele como líder. Como vimos na década de 1930, quando as pessoas ficam genuinamente assustadas com o futuro, geralmente estão dispostas a trocar liberdade por segurança.

Um período de crescente paz e prosperidade se seguirá. Uma excelente combinação comercial mundial parece oferecer lucros

incríveis para cartéis internacionais. Mais tarde, respondendo a crises envolvendo o Oriente Médio e os países de língua inglesa, este líder se moverá com velocidade relâmpago e determinação de ferro. Anulando um tratado feito anteriormente com o estado judeu, seus exércitos dominarão Jerusalém e levarão metade da cidade ao cativeiro (Zacarias 14: 2). Ao mesmo tempo, um ataque de força avassaladora será lançado nos Estados Unidos, Grã-Bretanha, Canadá e nações relacionadas (para detalhes das profecias relacionadas a este evento, escreva para nosso livreto gratuito, Estados Unidos e Grã-Bretanha em Profecia).

A manifestação da Babilônia no fim dos tempos promete o que Nimrod prometeu à família humana na Torre de Babel: unidade, segurança e prosperidade. Isto é o que Nabucodonosor, Ciro, o Grande, Alexandre, o Grande e César Augusto, cada um por sua vez, também prometeram.

Os problemas intensificados do fraturamento global serão combatidos por um esquema destinado a impor a unidade política e religiosa em escala mundial. A próxima superpotência européia pode realmente cooptar as instituições globais existentes para usar como estrutura política para seus próprios fins. Embora desenvolvimentos importantes ocorram na esfera política, é na área da religião que veremos eventos sem precedentes nos tempos modernos. A religião será considerada a chave para promover a identidade comum necessária à unidade política.

A esta altura, milhões de pessoas em todo o mundo estarão envolvidas em um frenesi religioso alimentado por um líder carismático que trabalha com o que são aparentemente grandes sinais e maravilhas. Mais preocupados em “se sentir bem” do que em doutrinas verdadeiras, eles responderão à falsa promessa deste líder de que ele está introduzindo uma era de ouro.

Um poderoso aparelho de guerra, comandado pela próxima superpotência européia, será anunciado como a pedra angular da paz e segurança mundial. A tecnologia moderna será usada para criar um estado policial com o qual Hitler e Stalin só poderiam ter sonhado. As pessoas serão induzidas a aceitar medidas draconianas como o preço de se livrar do terrorismo e dos crimes violentos.

A princípio, este sistema trará um aumento na economia mundial. Uma combinação mundial de comércio, profetizada em Ezequiel 27 e Apocalipse 18, será saudada como a chave para a prosperidade

universal. Os que estão no comando deste sistema desfrutam, por um curto período de tempo, de riquezas incomparáveis.

No entanto, falhas fatais neste sistema, inerentes ao seu início, com o tempo produzirão disparidades cada vez maiores. O mundo árabe ficará descontente com as tentativas de coagi-lo à unidade religiosa com a Europa. Um líder poderoso - chamado em Daniel 11 o “rei do Sul” - surgirá então, capaz de provocar a unidade temporária de grande parte do mundo islâmico. Provocada por este líder, a Europa lançará um “ataque relâmpago”, resultando na ocupação européia de grande parte do mundo árabe (Daniel 11: 40-43).

Esta ocupação européia aprofundará as suspeitas entre as nações do leste - já desconfiadas dos europeus liderados pela Alemanha. Os rumores das capitais do leste farão com que os europeus lancem o que se pretende como um ataque preventivo para intimidar o Oriente a se submeter (Daniel 11:44). As coisas não irão tão bem quanto o planejado, e a guerra resultante acabará por causar a destruição nuclear de grande parte da Europa, incluindo a própria Roma (Apocalipse 18:10, 17), pela aliança das potências orientais (Apocalipse 9: 13-18).

Enquanto os exércitos orientais atravessam o rio Eufrates para lançar uma invasão do Oriente Médio controlado pela Europa, os eventos ficam totalmente fora de controle. Os dez governantes europeus que deram poder para lançar este sistema voltar-se-ão amargamente contra a igreja e o sistema religioso que os fracassaram (Apocalipse 17: 16-17). Armas horríveis de destruição em massa, incluindo armas nucleares, bem como armas biológicas e químicas (Apocalipse 9: 5-6, 18), serão desencadeadas. Apenas quando parece que a humanidade se destruirá como resultado do confronto no Oriente Médio, o Cristo vivo e glorificado regressará do céu (Mateus 24:22).

No contexto deste período mais infernal da história da existência violenta e sangrenta da humanidade, será inaugurada a verdadeira solução para os problemas da humanidade. O regresso de Jesus Cristo a esta terra não é uma fantasia - é a única esperança da humanidade.

Transportado em visão para o futuro dia do Senhor, João registrou um acontecimento maravilhoso que ainda estava à nossa frente: “Caiu! Caiu a grande Babilônia” (Apocalipse 18: 2). Após a consequência desse evento, Jesus Cristo estará no Monte das Oliveiras, perto de Jerusalém, com todos os santos ressuscitados. O Deus do céu estabelecerá um reino que nunca será removido (Daniel

2:44). A lei sairá de Jerusalém e todas as nações serão submetidas ao governo de Deus (Isaías 2: 2-3).

A Bíblia registra um conto de duas cidades, Babilônia e Jerusalém. Uma será destruída para sempre. A outra será criada novamente como a Nova Jerusalém, que descera do céu após o reinado de 1.000 anos do Messias, fornecendo a morada para o Pai, para Cristo e para as “primícias” por toda a eternidade (Apocalipse 21).

Os eventos do final do tempo descritos neste livreto são reais - e ocorrerão durante a vida de muitos que o lerem. Contudo, Cristo oferece proteção àqueles que estão verdadeiramente, zelosamente andando com Ele e realizando Sua Obra (Lucas 21:36; Revelação 3:10).

E você? Sua “cidadania” - sua lealdade e fidelidade - reside na Babilônia abaixo ou em Jerusalém acima? Seu futuro depende da sua resposta a essa pergunta! “Busque ao Senhor enquanto Ele pode ser encontrado, invoque-o enquanto estiver perto” (Isaías 55: 6). O Deus do céu em breve estabelecerá um reino duradouro. Ele agora nos oferece não apenas Sua proteção e ajuda nos terríveis tempos vindouros, mas também uma entrada em Seu reino glorioso e uma herança que durará para sempre!

Ao observar o mundo à sua volta cada vez mais a se desvendar nos próximos anos, não desanime. Antes, Jesus Cristo exorta Seus verdadeiros seguidores: “Ora, quando essas *coisas* começarem a acontecer, olhai para cima e levantai a vossa cabeça, porque a vossa redenção está próxima” (Lucas 21:28).

Apesar das calamidades no horizonte, lembre-se sempre de que as melhores notícias ainda estão por vir! “Porque ainda um pouquinho de tempo, e o que há de vir virá e não tardará” (Hebreus 10:37).

Escritórios Regionais

Estados Unidos

Caixa postal 3810
Charlotte, NC 28227-8010
Telefone: (704) 844-1970

Australásia

Caixa Postal 300
Clarendon, SA 5157, Austrália
Telefone: 08-8383-6266

Canadá

Caixa postal 409
Mississauga, ON L5M 0P6
Telefone: (905) 814-1094

Nova Zelândia

Caixa postal 2767
Shortland Street
Auckland 1140
Telefone: (09) 268 8985

Filipinas

Caixa Postal 492
Agência Central dos Correios de Araneta
1135 Quezon City, Metro Manila
Telefone: +63 2 8573 7594

África do Sul

Bolsa Privada X3016
Harrismith, FS, 9880
Telefone: (27) 58-622-1424

Reino Unido

Caixa 111
88-90 Hatton Garden
Londres EC1N 8PG
Telefone / Fax: 44 (0) 844-800-9322

Podemos Sugerir?

A Igreja Viva de Deus oferece uma variedade de Publicações incluindo um Curso de Estudo Bíblico, livretos e a revista O Mundo de Amanhã.

Os folhetos a seguir podem ajudá-lo a entender melhor O plano de Deus para você e para o mundo. Para solicitar sua literatura gratuita, faça o pedido on-line em *TomorrowsWorld.org*, ou entre em contato com o Escritório Regional mais próximo de você.

O Oriente Médio em Profecia

A Besta do Apocalipse

Quatorze Sinais Anunciando o Regresso de Cristo